

A aprendizagem e o prazer em Clarice Lispector

The apprenticeship and the pleasure in Clarice Lispector

Gislei Martins de Souza

Universidade Federal do Mato Grosso

Resumo: Propõe-se, neste artigo, um estudo do romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1998), de Clarice Lispector, procurando compreender a figuração da aprendizagem e do prazer na trajetória feita pela protagonista Lóri rumo ao conhecimento da subjetividade. Problematiza-se como o senso comum perde espaço com o desmoronamento das identidades fixas, o que possibilita à personagem se libertar das amarras inerentes aos modos de ser cristalizados na cultura ocidental, ao mesmo tempo em que propicia uma abertura à aprendizagem do saber invisível, inacessível e inesperado. Para tanto, dialoga com as contribuições da Filosofia, em especial, com o pensamento de Heráclito, ampliado por Heidegger e propagado por Deleuze sobre o conceito de *logos*.

Palavras-chave: Filosofia. Conhecimento. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*.

Abstract: In this article we propose a study of the novel *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1998), by Clarice Lispector. We try to understand the figuration of learning and pleasure in the trajectory made by the protagonist Lóri towards knowledge of subjectivity. It is understood that the common sense loses space with the collapse of fixed identities, allowing the character to break free from the shackles inherent modes to be crystallized in Western culture, while providing an openness to learning know invisible, inaccessible and unexpected. For both, dialogues with the contributions of philosophy, in particular, with the thought of Heráclito, enlarged by Heidegger and propagated by Deleuze on the concept of *logos*.

Keywords: Philosophy. Knowledge. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*..

*Vivendo, se aprende; mas o que se aprende,
mais, é só a fazer outras maiores perguntas*
(Guimarães Rosa).

*Por que não me libertas do teu jugo,
Por que não me convertes em rochedo,
Por que não me eliminas do sistema
Dos humanos prostrados, miseráveis,
Por que preferes doer-me como chaga
E fazer dessa chaga meu prazer?*
(Carlos Drummond de Andrade).

Em que consiste a estreita relação entre a aprendizagem e o prazer em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*? Sabemos que desde o título do romance a aprendizagem e o prazer não aparecem de modo dicotômico na medida em que demonstram certa ambiguidade intrínseca à dúvida e, até mesmo, à perplexidade na escolha de um ou outro. De um lado, a aprendizagem não constitui algo específico, passível de ser delimitado, inferido, cogitado, pois nos incita a pensar na indefinida mescla de diversas aprendizagens como elemento primordial à enigmática viagem rumo aos confins da essência humana, na qual Lóri deixa de ser a encantadora sereia para desempenhar o papel do viajante enredado nas malhas da subjetividade. De outro, o prazer, entendido não como condição da aprendizagem, surge na face oposta da mesma moeda, derivando a ideia da pluralidade de prazeres experienciada pelo homem em sua trajetória de autoconhecimento, artefato fulcral que parece compor os princípios norteadores do romance.

Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres não pretende reconstruir o mundo épico da *Odisseia* (800 a.C.), de Homero, muito menos traçar as diretrizes do herói que com o domínio da razão consegue transpor o pensamento mitológico da Antiguidade. O romance de Lispector pretende delinear o processo da aprendizagem, cujo ensaio da contínua escuta no que concerne ao *logos*¹ resulta na experiência amorosa vivida por Ulisses e Lóri. Ressaltamos que a aprendizagem se apresenta como tópica constante dos romances de Lispector, no entanto nem sempre efetiva o encontro na mesma dimensão do prazer realizado entre Ulisses e Lóri. Deparamo-nos em *Perto do coração selvagem*, publicado em 1944, com dilemas que dilaceram a subjetividade da protagonista Joana, demonstrando que a incomunicabilidade gerada pela falta de inteireza existencial deixa sempre em aberto a via pela qual o sujeito busca se perfazer. Já *A paixão segundo G. H.* (1964) agencia a necessidade que a personagem tem de, num devir-animal, comungar com o desconhecido, a barata, para atingir o neutro. O sofrimento de constituir-se como um sujeito identificado apenas pelas iniciais, G. H., acarreta a dura aprendizagem concernente ao estilhaçamento do humano em si mesma. Nesse caminho aberto, visualizamos na

¹ O *logos* é, pois, algo passível de escuta, uma espécie de linguagem, discurso e voz que anuncia e ao mesmo tempo se recolhe, pronunciada pelo ser que se põe a conhecer-se.

trajetória empreendida por Lóri uma resolução para a busca da transcendência tanto de Joana, quanto de G. H., através da aprendizagem também realizada por Ulisses. Sendo assim, o itinerário de Lóri traçado ao lado de Ulisses se torna o ápice da aprendizagem de uma forma geral na obra clariceana.

Tratando da aprendizagem de Lóri, Benedito Nunes (1995) afiança que esta reflete a sabedoria dimensionada ao cotidiano da vida humana, a qual seria articulada por Ulisses, cuja posição mediadora, exercida com pedantismo e em tom didático, tem um sentido maiêutico. O crítico defende que Ulisses conduziria Lóri, tal como uma aluna, a reconhecer-se até nas aspirações de liberdade e justiça a propósito da vida comum. Para reforçar esse pressuposto, Nunes expõe que a consciência de si no *outro*, pela entrega amorosa sem reservas, atinge a consciência de sua condição social. Dessa forma, o crítico toma uma posição que pensa *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* como forma de Lispector ingressar na temática social, tendo em vista que o diálogo, precedendo e sucedendo o ato de amor, aproxima as consciências em vez de separá-las.

Em Vilma Arêas (2005) ainda encontramos, no ensaio que analisa a obra *A via crucis do corpo*, uma abordagem que focaliza o modo pelo qual *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* radicalizou a posição de Ulisses que, nas palavras da autora, ensinaria a despreparada Lóri algo como a linguagem correta do mundo mais verdadeiro, a que ele dá seu sentido completo. A tal enredo abre-se o caminho para a experiência de uma relação amorosa “profunda”, visto induzir a um saber que ancora o homem. Esse movimento implicou uma atenção da ensaísta diante do percurso oposto à deseroização, em que o ser é apreendido “**em sua medula e a busca também filosófica do corpo compreende esse corpo como algo matrizável, lógico**” (ARÊAS, 2005, p. 49-50, grifo nosso). Arêas também baliza que essa perspectiva não está distanciada da tradição mística. Tanto em *A paixão segundo G.H.* quanto em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* só haveria a necessidade de constituir uma comunhão entre o ser e a religião para impedir o abismo, no qual se localizam as protagonistas, de modo a conjurarem a desarticulação profunda que trazem dentro de si. Discordando da leitura que tanto Nunes quanto Arêas fazem, pelo enfoque de interpretação que adotamos, não vemos que Ulisses exerça a função de mediador no que se refere à aprendizagem de Lóri, muito menos que isso esteja acoplado ao ideário socialista de descoberta de um mundo verdadeiro. O próprio Ulisses refuta a ideia de lhe ensinar alguma coisa, quando Lóri declara que a maior dificuldade em seu caminho seria ela mesma:

– Sim, disse Ulisses. **Mas você se engana. Eu não dou conselhos a você. Eu simplesmente – eu – eu acho que o que eu faço mesmo é esperar. Esperar talvez que você mesma se aconselhe**, não sei, Lóri, juro que não sei, às vezes me parece que estou perdendo tempo, às vezes me parece que pelo contrário, não há modo mais perfeito, embora inquieto, de usar o tempo: o de te esperar (LISPECTOR, 1998, p. 53, grifo nosso).

A nosso ver, Ulisses não se configura com base no imaginário do homem que arrisca um conhecimento já determinado na medida em que apresenta inquietações relativas à precipitação das concepções acerca do mundo. Parece-nos plausível considerar que Ulisses abre passagem para que Lóri por si mesma realize a transcendência, pois ele na verdade não é o homem da viagem e sim da espera que objetiva possuí-la inteira de corpo e alma. Devemos lembrar que não cabe a Ulisses ensinar ou, até mesmo, nortear Lóri em sua aprendizagem, pois “De quantos ouvi as lições nenhum chega a esse ponto de conhecer que a (coisa) sábia é separada de todas” (HERÁCLITO, 2005, p. 99). Apesar de Ulisses pensar que poderia agir com Lóri assim como os grandes artistas “concebendo e realizando ao mesmo tempo” (LISPECTOR, 1998, p. 52), descobre que essa tela nua e branca da qual a protagonista se assemelha é, na verdade, “enegrecida por fumaça densa vinda de algum fogo ruim, e que não seria fácil limpá-la” (LISPECTOR, 1998, p. 52). Ulisses sabe que invencionar a imagem de Lóri tal qual um pintor que explora os limites da própria tela torna-se um ato infrutífero, pois o olhar em si mesmo capta somente as aparências do instante surpreendido pela percepção.

Além desses apontamentos, convém ressaltar que o próprio Ulisses, ao perceber a insegurança de Lóri em suas conversas, exprime que a aprendizagem não depende de um elemento que lhe seja exterior, mas acontece nela mesma por meio de desarticulações que aparecem inesperadamente como um choque entre ela e a realidade:

— Não tenha medo. **Em primeiro lugar, do modo como eu queria que você fosse minha, só acontecerá quando você também quiser desse mesmo modo. E ainda demorará porque você não descobriu o que precisa descobrir.** E além do mais, se vier a ser minha desse modo, possivelmente quererá um filho nosso. **Porque além de nós nos construirmos,** provavelmente vamos querer construir outro ser. **Lóri, apesar de minha aparente segurança, também estou trabalhando para ficar pronto para você** (LISPECTOR, 1998, p. 96, grifo nosso).

Acrescentamos que a aprendizagem está sempre para ser retomada como um processo de reconstrução da subjetividade. Nesse caso, o caminho que Ulisses percorreu também deve ser trilhado por Lóri para que possam se construir reciprocamente. Logo, no que se refere ao nosso estudo, não nos interessa a intenção e nem o fato de Ulisses desempenhar ou não um papel mediador na trajetória da protagonista. Ulisses, assim como Lóri, está no estágio inicial da aprendizagem referente ao desvelamento da subjetividade ainda inscrita num vácuo denso, no imprevisível do não-ser.

Para compreendermos como esse desvelamento embutido ao velar se realiza, seguimos o estudo de Gilles Deleuze (2006) acerca de *A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, que encena o caminho do homem rumo aos limites do pensamento, como também a “busca da verdade” e o entendimento da Arte enquanto

um mundo de signos que reage contra os signos sensíveis penetrando na opacidade da essência humana. Em Proust há uma força que visa buscar o enigma da vida humana, ultrapassando o sofrimento na tentativa de conjugá-lo ao prazer. Sob esse prisma, nos arriscamos a pensar que a arte em Proust gesta uma vida, pois encena o desvelar do ser em seu desacordo com o mundo, buscando encontrar para si mesmo respostas às limitações da vida ordinária. Também Lóri se refugia em si mesma num voltar-se para as instigações propiciadas pelo *logos*, pois na via aberta pelo silêncio interior consegue se afastar das banalidades forjadas no seu cotidiano. Existe na arte de Clarice Lispector um questionar ininterrupto sobre a existência humana, o qual se desenvolve pelo drama das personagens que ao mesmo tempo em que desconstroem suas convicções, ainda procuram enfrentar a trajetória de um perfazer-se contínuo.

Em Proust o caminho que viabiliza a revelação das essências não constitui um retrocesso às lembranças recônditas na memória, mas a aprendizagem para a qual as personagens se encaminham num movimento de decepções e revelações que cadenciam a narrativa. Por esse motivo, acreditamos que em Clarice Lispector a aprendizagem protagoniza o desvelar relativo à subjetividade de Lóri, a qual se debate com as palavras sempre escassas, bem como a falta de possibilidade em apreender o sentido pela linguagem. Sabemos com Deleuze que a aprendizagem em Proust “diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados” (2006, p. 04). Assim, o ato de aprender já é em si uma interpretação de signos ou de hieróglifos. Aquilo que ensina algo libera signos, sejam da mundanidade, do amor, ou mesmo das impressões e até das qualidades sensíveis, os quais, na obra de Proust, estão organizados em círculos que se impermeabilizam formando sistemas plurais de mundos.

Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* Lóri é, para Ulisses, a mais prodigiosa emissora de signos, cujos olhos “são confusos mas tua boca tem a paixão que existe em você e de que você tem medo. **Teu rosto, Lóri, tem um mistério de esfinge: decifra-me ou te devoro**” (LISPECTOR, 1998, p. 17, grifo nosso). Vemos, portanto, que se estabelece um jogo a propósito da dualidade ensinar e aprender. O que ocorre é que tal dualidade, na verdade, entrelaça o ensinar no aprender a ponto de se constituírem reciprocamente. Lóri libera, para Ulisses, signos a serem decifrados, não pelo seu corpo físico “que nem sequer é bonito”, mas pela essência de uma vida desconhecida e enigmática. No transcorrer da aprendizagem iniciada por Lóri, Ulisses descobre uma alma enigmática que procura compreender. Quando a protagonista se apresenta “em camisola curta e transparente”, Ulisses, no limiar, lhe observa inteiramente com os lábios apertados, aprisionando dentro de si o desejo de possuí-la.

A cada página do romance, descobrimos revelações súbitas quanto à personagem Lóri, que compõe a aprendizagem de Ulisses em um mundo de signos infindos: “Você é tão antiga, minha flor que eu deveria lhe dar a beber vinho numa ânfora” (LISPECTOR, 1998, p. 58). Acreditamos que nesse quadro Ulisses se põe a maturar o mistério da existência humana, de descobrir as linhas de fuga que afastem o sofrimento de Lóri, pois “quem é capaz de sofrer intensamente, também pode ser

capaz de intensa alegria” (LISPECTOR, 1998, p. 97). Isso se torna bastante significativo uma vez que Ulisses também se abre para a experiência do saber no que tange à aprendizagem do *logos* efetuada por Lóri. Entendemos que a aprendizagem reside, portanto, na troca de signos, pois, segundo Deleuze, apaixonar-se consiste em “individualizar alguém pelos signos que traz consigo ou emite. É tornar-se sensível a esses signos, aprendê-los [...]. O ser amado aparece como um signo, uma ‘alma’: exprime um mundo possível, desconhecido de nós” (2006, p. 7).

Diante disso, Ulisses nos mostra que se pode aprender tudo, inclusive a amar, pois o amor que ele sente por Lóri se alimenta da espera resignada, bem como da interpretação silenciosa. Aprender a amar, nesse caso, consiste num voltar-se para a auscultação do outro na busca constante, e aqui tomamos as palavras de Deleuze, da pluralidade de mundos contidos no ser amado. Por isso, Ulisses se afasta de Lóri na tentativa de fazer com que ela possa sozinha avançar na aprendizagem, ou seja, descobrir os meandros de sua própria natureza humana, bem como dos signos desarticuladores da existência que lhe possibilitarão apreender a dimensão, ainda não vigorante em virtude da relativa distância que a impossibilita de “aprender sozinha a ser”. Trata-se de um afastamento proposital por parte dele para promover a aprendizagem de Lóri, pois “um homem, Ulisses, tivesse sentido que um tigre ferido não é perigoso. E aproximando-se da fera, sem medo de tocá-la, tivesse arrancado com cuidado a flecha fincada. [...] Lóri nunca esqueceria a ajuda que recebera quando ela só conseguiria gaguejar de medo” (LISPECTOR, 1998, p. 121). Devemos também sublinhar que o professor de Filosofia, Ulisses, está sempre no horizonte entre dois pólos opostos, de um lado, a aprendizagem de Lóri, de outro, a sua espera paciente para que ambos possam se construir concomitantemente.

Ao voltarmos nosso olhar à aprendizagem em sua estreita relação com a decifração de signos, fica-nos perceptível o fato de que Ulisses, além de contribuir na aprendizagem de Lóri, também se coloca como algo a ser interpretado na trajetória dela. É com Ulisses que a protagonista aprenderá “que não se podia cortar a dor – senão se sofreria o tempo todo. E ela havia cortado sem sequer ter outra coisa que em si substituísse a visão das coisas através da dor de existir, como antes” (LISPECTOR, 1998, p. 40). Viver sem a dor produz em Lóri um efeito de estranhamento, pois lhe consente negligenciar seu ser coisificado pelos modos de existir no mundo, entregando-se abertamente ao nada, o que provoca uma sensação de estar perdida “no seu próprio mundo e no alheio sem forma de contato”. Desencontrar-se com o mundo significa denegar a sua própria existência e, antes de tudo, evidencia em que medida a subjetividade contemporânea está imersa sempre na zona nebulosa do paradoxo ser/não-ser. E isto é reforçado, acreditamos, pelos signos que Ulisses libera, fazendo com que Lóri reflita a propósito de si mesma, bem como sobre a negação daquilo que foi e as “mutações sensíveis” que sofrera. Ulisses, ao decifrar alguns dos signos referentes à aprendizagem de Lóri, termina por instigar o desvelamento do seu próprio ser aos olhos dela:

Eu não digo que eu tenha muito, mas tenho ainda a procura intensa e uma esperança violenta. [...] Estou em plena luta e muito mais perto do que se chama de pobre vitória humana

[...] **Mas olhe para todos ao seu redor e veja o que temos feito de nós mesmos e a isto considerado vitória nossa de cada dia.** Não temos amado acima de todas as coisas. Não temos aceito o que não se entende porque não queremos passar por tolos. Temos amontoado coisas e seguranças por não nos termos um ao outro. **Não temos nenhuma alegria que já não tenha sido catalogada.** Temos construído catedrais e ficado do lado de fora pois as catedrais que nós mesmos construímos tememos que sejam armadilhas. **Não nos temos entregue a nós mesmos, pois este seria o começo de uma vida larga, e nós a tememos.** Temos evitado cair de joelhos diante do primeiro que por amor diga: tens medo. [...] **Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível. Muitos de nós fazem arte por não saber como é a outra coisa. Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que a nossa indiferença é a angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e por isto nunca falamos o que realmente importa.** Falar no que realmente importa é considerado uma gafe. [...] Não temos sido puros e ingênuos para não rirmos de nós mesmos e para que no fim do dia possamos dizer “pelo menos não fui tolo” e assim não ficarmos perplexos antes de apagar a luz. Temos sorrído em público do que não sorriríamos quando ficássemos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. **Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isto consideramos a vitória nossa de cada dia. Mas eu escapei disso, Lóri, escapei com a ferocidade com que se escapa da peste, Lóri, e escaparei até você também estar mais pronta** (LISPECTOR, 1998, p. 47-49, grifo nosso).

Lóri percebe que Ulisses pensava alto e que ela não precisava entender. Bastava, portanto, ouvir as palavras dele que “era tão bom” para que a protagonista desperte em si mesma o ser da linguagem. Lóri, que jamais falara tantas palavras em seguida, se coloca como sujeito da enunciação através dos signos liberados por Ulisses a cada página do romance. Em vista disso, nos deparamos com Ulisses uma personagem cujas convicções foram elaboradas através da vivência dolorosa indicativa da falta de sentido da existência. Chegar “a pobre vitória humana” significa abandonar um modo de viver já tracejado, abrindo espaço para uma nova forma de pensar, ou melhor, ao autoconhecimento que não só abarca a imaginação, como também se emancipa da defesa lógica, própria da alienação ao capitalismo. Construir muros, associações, catedrais está relacionado ao cerceamento da liberdade humana através de mecanismos disciplinares, os quais fazem esquecer, conforme Foucault (1996), a heterogeneidade característica do sujeito e de sua linguagem.

Em *A ordem do discurso* (1996), Foucault analisa mecanismos de controle, seleção, organização e redistribuição dos discursos e dos sujeitos, por meio dos quais ambos seriam “ordenados” de forma que seus perigos e poderes fossem conjurados. Em Foucault esses mecanismos dividem-se em: externos ao discurso, internos, e de

rarefação (seleção) dos sujeitos. Deter-nos-emos no mecanismo, que concerne à rarefação dos sujeitos, denominado, por Foucault, como “doutrina”. Acreditamos que a doutrina do capital, e aqui tomamos emprestadas as palavras de Foucault, realiza o condicionamento do sujeito quanto ao discurso que se pode proferir no seu interior, diferenciando-o dos outros sujeitos que não a seguem. Isso constitui uma forma de fechar círculos, cujos membros seguem doutrinas norteadoras da convivência, como também do desvelamento que diz respeito ao próprio ser da linguagem. Pensamos que a literatura clariceana configura o âmbito no qual ocorre uma reviravolta na ordenação dos discursos à medida que mostra o aflorar do conflito concernente à subjetividade contemporânea. Trata-se da constatação de que “Muitos de nós fazem arte por não saber como é a outra coisa”, ou seja, ao desconhecer um caminho de fuga em relação à clausura cotidiana, Clarice Lispector arquiteta, no conjunto de sua produção literária, um laboratório respaldado no conhecimento das experiências humanas que ininterruptamente estão entrelaçadas à aprendizagem da subjetividade.

As observações aqui apresentadas instigam-nos a propor que Ulisses consegue escapar “com a ferocidade com que se escapa da peste” do sistema filosófico, o qual deixa de pensar as inquietações humanas como força motriz de todo o conhecimento, o que lhe faz recorrer à arte literária não só como forma de exprimir os conflitos quanto ao dilaceramento da verdade e da realidade, mas também de exercitar a alma na tentativa de ultrapassar a existência banal, propiciando à Lóri um caminho de acesso ao seu próprio ser e conseqüentemente à superação da dor. Em seus diálogos com Lóri, Ulisses provoca reflexões sobre o pensar propriamente dito através da palavra, que desvela a essência de si, calando-se para que ela reconstrua o seu caminho e compreenda a existência:

Tenho uma paz profunda, continuou ele, somente porque ela é profunda e não pode ser sequer atingida por mim mesmo. Se fosse alcançável por mim, eu não teria um minuto de paz. Quanto à minha paz superficial, ela é uma alusão à verdadeira paz. Outra coisa que esqueci é que há outra alusão em mim - a do mundo grande e aberto. [...] não menti nenhuma vez, tudo o que eu disse é verdade. E se me confessei, não importa, sobretudo se foi a você. Aliás eu me confessaria também a outros, sem nenhum perigo: ninguém pode fazer uso do que os outros são, nem mesmo uso mental, por isso, esse tipo de confissão não é jamais perigoso. Talvez agora você ainda me desconheça mais. O melhor modo de despistar é dizer a verdade, embora eu não tenha tentado nenhuma vez despistar você, Lóri, disse ele (LISPECTOR, 1998, p. 60-61, grifo nosso).

Com base nos trechos destacados, vemos que Ulisses sabe que “a paz profunda”, ou seja, o desvelamento total do seu próprio ser não pode ser atingido por ele mesmo, o que resultaria na imparcialidade de não haver uma resposta que o

defina. Tal desvelamento não surge em sua completude, pois o sujeito em si só se constitui na/pela linguagem e que, portanto, só aparece como um efeito de superfície em referência à “verdadeira paz”. Todavia, Ulisses apesar de se apresentar como um sujeito incompleto, cujo caminho está sempre a perfazer-se, dispõe-se à acessibilidade da aprendizagem, pois o mundo era “grande e aberto”. E isto pode ser percebido, temos convicção, por meio do pensamento heraclítico, quando o filósofo afirma que “Procurei-me a mim mesmo” (2005, p. 98). Partimos da premissa de que Ulisses enquanto um sujeito cuja subjetividade fragmentada já se confrontou com o universo que o cerca, termina por suscitar a estranheza enigmática que se esconde na essência do próprio homem.

Essa consideração nos leva a propor que Ulisses também se coloca como objeto de investigação não enquanto um sujeito individualizado, singular e isolado no mundo, mas mediante o autoconhecimento do seu próprio ser consoante à aprendizagem realizada por Lóri. Resta a Ulisses mostrar para Lóri que a aprendizagem só acontece “quando já não se tem como guia forte a natureza de si próprio” (LISPECTOR, 1998, p. 51). Isso significa que cabe à Lóri, assim como Ulisses, trilhar o próprio itinerário em busca do sentido às suas indagações, trajetória perene, pois a “tragédia de viver existe sim e nós a sentimos”. Desse modo, Ulisses enfatiza que não pretende ensinar Lóri em sua trajetória, porque além de não se poder fazer “uso do que os outros são, nem mesmo uso mental”, ainda deixa claro que nunca estará “pronto em todos os sentidos”. Entretanto, convém ressaltar que Lóri, ainda presa do senso comum, acredita que Ulisses pretende lhe dar conselhos de como prosseguir na aprendizagem:

Embora, por deformação profissional, Ulisses ensinasse demais. Não tinha ar doutoral, parecia mais com um estudante que fosse mais velho, e que suas palavras não vinham de livros e sim de uma vida que ela adivinhava plena. O que não impedia que ele fosse sem querer um pouco pedante. **Irritava-a como ele queria parecer... o quê? Superior? Ulisses, o sábio Ulisses, algum dia ia cair como uma estátua de seu pedestal.** Lóri sabia que pensava tudo isso por raiva, de dor, com o rosto enterrado no travesseiro. **Não sabia mais de nada** (LISPECTOR, 1998, p. 64, grifo nosso).

Centralizamos nossa atenção nessa cena paradoxal, na qual Lóri percebe que Ulisses apesar de ser professor, parece um estudante na aprendizagem plena da vida, ao mesmo tempo em que contraditoriamente, ainda ecoando os resquícios do senso comum, se aborrece pensando que ele queira mostrar um ar “superior”. Lóri sempre se defronta com o caráter disparatado do paradoxo, o que nos leva a considerar que sua trajetória encena a gênese da contradição no que tange ao saber procedente do senso comum. Por esse prisma, percebemos que o senso comum instiga em Lóri o desejo de cólera a respeito da posição ocupada por Ulisses como filósofo. Ao questionar o “o quê” daquilo que Ulisses parecia querer lhe ensinar, notamos que a protagonista compreende que esta raiva resulta do seu árduo treino de “abrir

caminho”. Lóri é marcada pela duplicidade em pensar que Ulisses zombava dela, ao mesmo tempo em que não conseguia impedir a si mesma de ouvi-lo, pois “sua curiosidade crescia à medida que, mesmo sabendo que ele brincava, também falava a verdade” (LISPECTOR, 1998, p. 60).

A literatura clariceana sendo vida realça a encenação de uma existência irrequieta, marcada pela presença do senso comum, do qual visualizamos o malogro adjacente à aprendizagem das coisas que desnorteiam a protagonista. Instigada a buscar um sentido para si bem como ao mundo, Lóri tem sempre um receio de ir longe demais, pois acredita haver um norte para a aprendizagem, alguém que lhe diga o “óbvio”, o que a faz questionar: “em que direção?” (LISPECTOR, 1998, p. 41 e 87). Isto lembra Deleuze quando retoma a cena em que Alice indaga sobre o sentido das coisas e como este questionamento provoca a reflexão em detectar conhecimento onde não haja sentido. Vemos esse mesmo questionamento sendo formulado por G. H., desde o início da narrativa de *A paixão segundo G. H.*, que busca entender a sua experiência ao devorar de forma animalesca a barata. A procura pelo sentido denota a desorganização profunda inerente a uma subjetividade em constante crise com o mundo. Entretanto, não há como navegar por uma via única, pois se faz necessário a aventura embasada no autoconhecimento. Quanto a isso podemos recorrer a Heráclito, segundo o qual “Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira” (2005, p. 93). Podemos, com isso, nos dar conta de que pertence ao cerne do pensamento essencial a irreconciliação imediata com a opinião comum. Para o entendimento de Lóri, avançar na aprendizagem significa correr riscos, deparar-se com o perigo do não-senso, daquilo que lhe induz a surgir dentro de si mesma, como mostra a imagem do arco tensionado, mas que não abandona nem o declínio, muito menos a constante tensão em relação ao mundo e àquilo que a constitui.

Na perspectiva filosófica de Deleuze (2003) encontramos diversas referências ao elemento paradoxal que, como potência do inconsciente, se passa sempre no entre-dois das consciências, é o que comparamos a Lóri sempre se confrontando com o bom senso e o senso comum em sua aprendizagem. A protagonista procura se desvencilhar dos artifícios colocados pelo senso comum, cuja capacidade de identificação, utilizando-nos das palavras de Deleuze, relaciona uma diversidade qualquer à forma do Mesmo ou à unidade de uma figura individualizada de mundo. Movida pela doxa, a protagonista receia que Ulisses se canse de esperá-la, temendo “que, se ela conseguisse avançar a ponto de ficar mais pronta e viesse a aceitar aproximar-se dele, ele com franqueza pudesse simplesmente dizer-lhe que já era tarde” (LISPECTOR, 1998, p. 88). Como podemos perceber Lóri ainda está atrelada aos efeitos de inconstância que lhe provocam questionamentos acerca não só de sua aprendizagem, mas principalmente em relação aos sentimentos de Ulisses. Nisso retomamos Heráclito quando refere “Ouvindo descompassados assemelham-se a surdos; o ditado lhes concerne: presentes estão ausentes” (2005, p. 91), para entendermos como Lóri apesar de desejar existir em plenitude, atravessa um processo de descoberta relativa ao descompasso estabelecido seja pela ciência de contrações em seu corpo, seja pelo estilhaçamento de suas verdades, o que demonstra a procura de caminhos, saídas e direções. Afastar-se de Ulisses significa

abandonar e perder aquilo que arduamente conseguiu aprender. Este processo de repulsão, medo, desespero lhe fazia temer que “Ulisses se cansasse daquela sua resistência paquidérmica em deixar o mundo entrar nela” (LISPECTOR, 1998, p. 63), mas também constitui uma forma de aprendizagem, que Lóri não consegue aceitar, pois está fora do seu alcance.

É importante assinalarmos que o senso comum também leva Lóri a acreditar no Deus por meio de uma integração sem palavras. Então a protagonista descobre que rezara para um “eu-mesmo”, pois sentia uma necessidade de encontrar um ente que lhe arrancasse do abismo de viver na orla da dor e da alegria. Daí ocorre o despertar para uma realidade mais objetiva em torno de si, na qual Lóri perde o bom senso que antes lhe indicava apenas uma direção a seguir na aprendizagem: implorar ao Deus que lhe mostre o caminho a ser adotado. Entretanto, a protagonista também se vê impossibilitada de seguir uma outra direção que negue a presença do Deus, pois não se pode instaurar um senso único. Nesse horizonte, na luta contra “o Deus, cansada, exausta, murmurou sem timbre de voz: **não entendo nada**. Era uma verdade tão indubitável que tanto seu corpo como sua alma vergaram-se ligeiramente e assim ela repousou um pouco” (LISPECTOR, 1998, p. 66). Na busca de respostas, do sentido singular e verdadeiro para sua existência, Lóri alcança apenas o não-senso como “manchas cósmicas que substituíam entender”.

Em Heráclito temos o raciocínio de que “Se não esperar o inesperado não se descobrirá, sendo indescobrível e inacessível” (2005, p. 89). É nas oposições consigo mesma que a protagonista descobre que a possibilidade de que para aprender, causando uma tensão que resvala ao todo, precisa passar pelo silêncio do saber invisível para assim atingir o próprio ser. Além disso, pretendemos mostrar que tanto o senso comum quanto o bom senso procuram desempenhar um alinhamento entre Lóri, o mundo e Deus, mas ela sempre se depara com o paradoxo trazido pelo não-senso, visto que “é próprio do sentido não ter direção, não ter ‘bom sentido’, mas sempre as duas ao mesmo tempo, em um passado-futuro infinitamente subdividido e alongado” (DELEUZE, 2003, p. 79-80). O sentido sendo um acontecimento aflora na superfície da linguagem apenas como um efeito produzido em si mesmo, por isso Lóri não encontra uma direção em sua aprendizagem, tendo em vista que a trajetória de autoconhecimento na verdade agencia uma série de paradoxos fundamentais que retomam as figuras do não-senso. Aquele que se torna inquiridor do conhecimento de “muitas coisas”, como propõe Heráclito (2005, p. 91), deve buscar a sabedoria por si mesmo, usufruindo da capacidade de pensar que dispõe os homens e da constante interrogação do seu próprio saber sempre passível de renovação. Não basta aceitar passivamente o saber já determinado pelas ciências, mas é preciso que Lóri ininterruptamente se confronte com a problemática do pensar relativo ao ser.

Na procura árdua não por um caminho, mas do atalho onde pudesse alçar o seu próprio sentido, vemos como este é desconhecido, errático, pois instiga a personagem a “queimar as etapas” como que para apreender o inefável, indo “vorazmente ao que quer que seja” (LISPECTOR, 1998, p. 99). Trata-se, de um lado, do devir-louco no que concerne à subjetividade de Lóri, imprevisível, tal é a encenação que se produz em o país das maravilhas de Alice que tem uma dupla direção; de outro, do não-senso a propósito da perda identitária entre o eu, as coisas e

o mundo. Lóri, então, percebe que só parecia querer aprender alguma coisa de Ulisses por imaginar que ele enquanto professor de Filosofia detém o saber capaz de apaziguar os conflitos gerados pela incompreensão do ser e acaba vendo como se enganara usando-o nessa esperança:

Quando esta morreu, ao ver que ele não tinha a menor intenção de ensinar-lhe um modo de viver "filosófico" ou "literário", já era tarde: estava presa a ele porque queria ser desejada, sobretudo gostava de ser desejada meio selvagemmente quando ele bebia demais. Já tinha sido desejada por outros homens mas era novo Ulisses querendo-a e esperando com paciência — mesmo quando estava embriagado, o que não lhe tirava o controle — e esperando com paciência que ela estivesse pronta, enquanto ele próprio dizia de si mesmo que estava em plena aprendizagem, mas tão além dela que ela se transformava em ínfimo corpo vazio e doloroso, apenas isso. E ela ansiava por ele porque exatamente ele lhe parecia ser o limite entre o passado e o que viesse — o que viria? Nada, pensava em desespero. Esperava, [...] encontrar-se com Ulisses que pouco a transformava, ou se a transformava era pouco demais (LISPECTOR, 1998, p. 40-41, grifo nosso).

Ulisses, professor universitário, e Lóri, professora primária, exercem a mesma profissão, mas seguem direções diferentes, tal como o chapeleiro e a lebre de março em *Alice no país das maravilhas*, na qual a aprendizagem se dá para ambos inseparavelmente, pois “o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia” (HERÁCLITO, 2005, p. 88). Ambos estão em plena aprendizagem, mas ao mesmo tempo em que avança, Lóri também regride como se estivesse “perdida e confusa” (LISPECTOR, 1998, p. 109), em uma espera resignada que lhe fazia sentir um esvaziamento, o qual só podia ser preenchido quando “comesse a presença de Ulisses. [...] queria absorver Ulisses todo. Essa vontade dela ser de Ulisses e de Ulisses ser dela para uma unificação inteira era um dos sentimentos mais urgentes que tivera na vida. Ela se controlava, não telefonava, feliz em poder sentir” (LISPECTOR, 1998, p. 119).

Mais uma vez reportamos o pensamento heraclítico (2005, p. 93) de que “tudo é um”, ou seja, apesar de haver oposições na trajetória de Lóri a sua unidade interna só será apreendida através delas. Isso nos faz refletir que as oposições são apenas superficiais para que a protagonista alcance a sabedoria do *logos*. Lóri que antes só sabia “estar viva através da dor” (LISPECTOR, 1998, p. 89), agora está ilhada pelos acontecimentos propiciados pela vivência com Ulisses, os quais suscitam diversas sensações contraditórias: amor, ódio, desejo, ciúme, dor, alegria,

angústia². Precisamos ponderar também que tais percepções, no decorrer da narrativa, estão em confluência com o prazer. Lóri ainda enredada pelo senso comum sente “o desejo de ser possuída por Ulisses sem ligar-se a ele, como fizera com os outros” (LISPECTOR, 1998, p. 42), ou seja, compreende neste momento que o prazer está relacionado apenas ao ato sexual.

No desenrolar do romance, o desejo da protagonista se intensifica cada vez mais, “Sabia no entanto que o fato de desejá-lo tão intensamente não queria ainda dizer que ela avançara. Pois antes também desejara os seus amantes e não se ligara a nenhum deles” (LISPECTOR, 1998, p. 107-108). Para além do prazer meramente sexual, Ulisses desperta em Lóri um prazer desconhecido, envolto pelo silêncio e pela espera, que ela nunca havia experimentado. Ignorando a si mesma não adianta simplesmente prosperar na aprendizagem, pois se torna necessário atingir aquilo que não é compreensível. Durante o encontro na piscina, “momento de se verem quase nus”, Ulisses percebe o avanço de Lóri em sua aprendizagem, pois o silêncio que se estabelece entre ambos denota uma fonte de muitas palavras, cuja força reside em fazer com que ela entenda “as pessoas sendo”. É importante destacarmos que Lóri, apesar da vontade de ser possuída por Ulisses, se esquece dos instintos corporais gerados pelo senso comum para concentrar-se no seu próprio ser. O vazio ocasionado por esse momento acarreta certa felicidade incontrolável e sem ter a possibilidade de dar um sentido a ela acaba por se afastar de Ulisses, pois “ele era o perigo”.

Após o encontro, Lóri decide encontrar consigo mesma por meio do mergulho nas águas do mar, cuja vastidão lhe faz pensar que ela mesma iria experimentar o mundo sozinha para ver como era. Sabemos que para Heráclito (2005, p. 94) o mar significa a instância “impotável e mortal” ao homem, pois nele descobrimos a vastidão e o perigo do inexplicável que aniquilam nossas concepções levando-nos aos mistérios de dois mundos incognoscíveis: o homem e o ilimitado. Entrar no mar já não constitui um “jogo leviano”, pois exige a coragem em prosseguir, avançar, ser arrastado pela força do que ainda não se conhece. A protagonista ignora o que vai aprender na praia deserta, porém é na solidão que o olhar capta o instante encaminhando ao aprofundamento do próprio ser num “corpo a corpo consigo mesma [...] Escura, machucada, cega – como achar nesse corpo-a-corpo um diamante diminuto mas que fosse feérico, tão feérico como imaginava que deveriam ser os prazeres” (LISPECTOR, 1998, p. 76). Se aos homens “é compartilhado conhecer-se a si mesmos”, como afirma Heráclito (2005, p. 100), podemos dizer que o desvelamento do ser se realiza no voltar-se ao ilimitado mar da existência, o qual propicia o vigor do prazer em experimentar o inacessível no homem. Com a chegada do inverno, Lóri e Ulisses têm um encontro altamente sensual próximo a uma lareira:

² “[...] sonhou que Ulisses nessa mesma noite estava com alguma outra mulher. O ciúme acordou-a em sobressalto. Também isto ela iria sofrer? Sim, também o ciúme, também a cólera, também tudo” (LISPECTOR, 1998, p. 76).

“O que era aquilo tão violento que a fazia pedir clemência a si mesma? Era a vontade de destruir, como se para destruir tivesse nascido. [...] A força da destruição ainda se continha nela e ela não entendia por que vibrava de alegria a ser capaz de tal ira” (LISPECTOR, 1998, p. 112).

Com a mão direita ele segurava o ferro que fazia as flamas crescerem. A mão esquerda, a livre, estava ao alcance dela. **Lóri sabia que podia tomá-la, que ele não se recusaria; mas não a tomava, pois queria que as coisas “acontecessem” e não que ela as provocasse. Ela conhecia o mundo dos que estão tão sofredamente à cata de prazeres e que não sabiam esperar que eles viessem sozinhos. E era tão trágico: bastava olhar numa boate, à meia-luz, os outros: era a busca do prazer que não vinha sozinho e de si mesmo.** Ela só fora, com alguns de seus homens do passado, umas duas ou três vezes e depois não quisera mais voltar. **Porque nela a busca do prazer, nas vezes que tentara, lhe tinha sido água ruim: colava a boca e sentia a bica enferrujada, de onde escorriam dois ou três pingos de água amornada: era a água seca. Não, havia ela pensado, antes o sofrimento legítimo que o prazer forçado.** Queria a mão esquerda de Ulisses e sabia que queria, mas nada fez, pois estava usufruindo exatamente do que precisava: poder ter essa mão se estendesse a sua (LISPECTOR, 1998, p. 104, grifo nosso).

Mesmo ardendo em desejo de concretizar o ato amoroso com Ulisses, tal como o fogo na lareira, Lóri controla seus instintos ao refutar o prazer meramente sexual, pois ao buscá-lo apenas sofreu. Com Ulisses a protagonista não quer o “prazer forçado”, mas espera que este venha por si mesmo para acender a chama referente ao seu próprio ser. Deste modo, o prazer não se restringe à cata de prazeres corporais, tendo em vista que compõe a aprendizagem constitutiva de Lóri, que, para alcançá-lo, deve efetuar um esvaziamento dos instintos que lhe enclausuram na esfera animal, desapegando-se do senso comum, uma vez que sua trajetória não admite mais a perspectiva unívoca do bom senso. Ainda sob o fio condutor do pensamento deleuzeano (2003), podemos dizer que a aprendizagem vai se realizar na fronteira que precede o bom senso e o senso comum, na qual a linguagem atinge sua mais alta potência com a paixão do paradoxo. É defrontando-se com o prazer viabilizado pelo senso comum que Lóri formula em si mesma a linguagem capaz de propiciar a alegria de se encontrar no mundo. Eis a conjunção entre a aprendizagem e o prazer para que Lóri formule um conhecimento do *logos*:

[...] pois era vida nascendo. **E quem não tivesse força de ter prazer, que antes cobrisse cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar o grande da vida.** Essa película podia consistir em Lóri em qualquer ato formal, em qualquer tipo de silêncio, em aulas aos alunos ou em várias palavras sem sentido: era o que ela fazia. Pois o prazer não era de se brincar com ele. **O prazer era nós** (LISPECTOR, 1998, p. 120, grifo nosso).

A nosso ver, o prazer sendo “nós” consiste em descobrir-se como um ser infindável, inexplicável, que sempre tem um caminho a perfazer no que tange ao ilimitado e incerto que constitui a subjetividade. Sentir o verdadeiro prazer significa paradoxalmente encontrar-se no “limiar da angústia”, pois é o viver encenando seu contínuo devir que propicia ao homem estar sempre nas fronteiras do “não-ser” (LISPECTOR, 1998, p. 85), desencontrando-se consigo mesmo para refazer-se, reformular-se, transmutar-se. Diante disso, podemos afirmar a necessidade de Lóri em aprender, assim como Ulisses, “a viver com o que não se entende”, pois o homem traz em si uma linguagem que parece de qualquer maneira impossível de ser atingida. Supomos que o homem ao buscar respostas para si mesmo, desvencilhar os próprios limites, se localiza nos interstícios do não-senso, como algo inexplorado, que não alcançou o ser da linguagem que o constitui. A trajetória de Lóri encena o percurso do homem sempre habituado à dor em detrimento do “insólito prazer”, que lhe induz a perder-se dentro de si mesmo, sem um porto que o ancore. Porém, Lóri, para desfrutá-lo, obrigava-se “a arcar com o peso da responsabilidade de saber que os nossos prazeres mais ingênuos e mais animais também morriam” (LISPECTOR, 1998, p. 145). Só, assim, é que a protagonista põe-se a caminho da figura humana de Ulisses para a realização do amor:

Nunca um ser humano tinha estado mais perto de outro ser humano. **E o prazer de Lóri era o de enfim abrir as mãos e deixar escorrer sem avareza o vazio-pleno que estava antes encarniçadamente prendendo-a.** E de súbito o sobressalto de alegria: notava que estava abrindo as mãos e o coração mas que se podia fazer isso sem perigo! Eu não estou perdendo nada! Estou enfim me dando e o que me acontece quando eu estou me dando é que recebo, recebo. Cuidado, há o perigo do coração estar livre?

Percebeu, enquanto alisava de leve os cabelos escuros do homem, **percebeu que nesse seu espriar-se é que estava o prazer ainda perigoso de ser.** No entanto vinha uma segurança estranha também: vinha da certeza súbita de que sempre teria o que gastar e dar. **Não havia pois mais avareza com seu vazio-pleno que era a sua alma, e gastá-lo em nome de um homem e de uma mulher** (LISPECTOR, 1998, p. 144-145).

Ao revelar a si mesma enquanto uma pessoa “derrotada pelo mundo”, que por tempos se trancafiou na individualização, Lóri revigora em seu próprio ser a capacidade de entregar-se ao outro, sem medo, nem limites. Se levarmos em consideração que, conforme Heráclito (2005, p. 95), as almas têm prazer em tornarem-se úmidas, veremos que o vazio, trazido pelo não-senso das coisas que Lóri buscava compreender, agora se esvaece como se ela estivesse perdendo todo o peso do corpo como uma figura de Chagall. A referência ao trabalho artístico do pintor Chagall (1887-1985), cuja natureza está na encenação do indefinível e enigmático, amplia nossa visão quanto à Lóri atingir o alcance de si mesma, ou seja, se

desprender do próprio corpo e liberar o seu duplo, tal como mostra Deleuze em *Alice no país das maravilhas*, de Carroll. A descoberta de si estimula Lori a acessar a superfície, desmistificando-se no que tange à falsa profundidade, pois descobre que é na margem do seu próprio ser “que passamos dos corpos ao incorporeal” (DELEUZE, 2003, p. 10-11). Assim, Lóri transforma-se como a larva transmuta em crisálida, entrando no devaneio do prazer que a liberta das amarras inerentes aos modos de ser cristalizados na cultura ocidental. Propiciar uma abertura ao prazer do desconhecido significa circunscrever-se nos interstícios de uma trajetória que atinge o conhecimento de que se pode aprender com aquilo que está sempre presente, mas não ao alcance de todos: a completude do homem em compreender o próprio ser.

Referências

- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1968.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *Proust e os signos*. 2 ed. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização de Manoel de Barros da Motta; tradução de Inês A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Antônio Ramos Rosa. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental*. Lógica. A doutrina heraclítica do *lógos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A paixão segundo G. H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. Perto do Coração Selvagem. In: _____. *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- SOUZA, Ronalds de Melo e. A poética dionisíaca de Clarice Lispector. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 130/131: 123/144, jul./dez., 1997.

_____. A unidade poética do caos e do cosmos. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 114/115: 121/136, jul./dez., 1993.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

PRÉ-SOCRÁTICOS. Heráclito. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os pensadores).

WALDMAN, BERTA. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* 2. ed. São Paulo: Escuta, 1992.

Recebido em 4 de maio de 2011.

Aceito em 22 de junho de 2012.

GISLEI MARTINS DE SOUZA

Mestre em Estudos de Linguagem (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: gisleimsouza@hotmail.com.